

# A visão holística do homem: Religião e fenomenologia na educação

*The holistic view of man:  
Religion and phenomenology in education*

*Regina Célia de Souza Avanza França<sup>1</sup>*

**Resumo:** A abordagem deste estudo trata da religião, da visão holística do homem e da fenomenologia no Ensino Fundamental. A religião é uma condição humana, natural, que não pode ser suprimida por tais forças, mas apenas aproveitada e dirigida para outro tipo de ideocracia. Isso acontece, por exemplo, quando se faz igreja de uma doutrina política. Com menos ou mais conhecimentos, o homem raciocina para aceitar ou refutar o ideal religioso. Diante deste contexto apresentado, definiu-se como objetivo geral analisar a religião baseada na visão holística do homem e sua relação com a fenomenologia no Ensino Fundamental, como forma de minimizar o problema de violência no cotidiano escolar. Entre os objetivos específicos destacam-se: analisar a fenomenologia no cotidiano escolar; identificar a importância da visão holística do homem como meio de suporte religioso no contexto educacional. A justificativa do estudo está no fato de mostrar o componente curricular de Ensino Religioso entrar como possibilidade de redução da violência no ambiente escolar para que o exercício do diálogo inter-religioso e do acatamento da diversidade possa ter início o mais cedo possível na sociedade. Utilizou-se com metodologia a pesquisa bibliográfica através de uma revisão de literatura. As conclusões mostraram que na escola, apesar da diversidade de propostas no campo da Fenomenologia da Religião, alguns pontos teóricos se tornaram certo senso comum fenomenológico: a religiosidade é concebida como uma dimensão antropológica constitutiva, sem a qual, o ser humano é menos do que humano; ela se distingue da religião e da espiritualidade; o sagrado - distinguindo-se do profano - ocupa o lugar central do olhar fenomenológico, como elemento ôntico constitutivo.

**Palavras chave:** Homem. Deus. Holística. Fenomenologia. Educação.

**ABSTRACT:** The approach of this study deals with religion, the holistic

Artigo recebido em: 29 out. 2017

Aprovado em: 21 out. 2017

<sup>1</sup> Mestrando na Faculdade Unida de Vitória.

view of man and phenomenology in Elementary School. Religion is a human condition, natural, that can not be suppressed by such forces, but only harnessed and directed to another type of ideocracy. This happens, for example, when one becomes a church of a political doctrine. With less or more knowledge, man reasoned to accept or refute the religious ideal. In view of this presented context, it was defined as a general objective to analyze the religion based on the holistic vision of the man and its relation with the phenomenology in Elementary School, as a way of minimizing the problem of violence in the school routine. Among the specific objectives are: analyze the phenomenology in the school daily; to identify the importance of the holistic view of man as a means of religious support in the educational context. The rationale of this study is that it shows that the curriculum component of Religious Education is a possibility of reducing violence in the school environment so that the exercise of interreligious dialogue and the observance of diversity can begin as early as possible in society. Bibliographic research was used as a methodology through a literature review. The conclusions showed that in the school, in spite of the diversity of proposals in the field of the Phenomenology of the Religion, some theoretical points have become certain common phenomenological sense: the religiosity is conceived like a constitutive anthropological dimension, without which, the human being is less than human; it is distinguished from religion and spirituality; the sacred - distinguishing itself from the profane - occupies the central place of the phenomenological gaze, as a constitutive ontic element.

**Key words:** Man. God. Holistic. Phenomenology. Education.

## Introdução

Ao longo da história da humanidade o homem tem buscado incessantemente o sentido para sua existência, fadados e se completarem acreditam em vãs filosofias que adeptos da religião vem profanando ao longa da história humana. Assim tem sido a busca do homem pela religião, tende a encontrar Deus, nas palavras e frases de filósofos, e assim homens estão cada vez mais envolvidos no mito chamado “religião”, desvinculando-se do plano de Deus para com suas vidas que outrora é a salvação eterna.

Com o objetivo de trazer uma abordagem sistêmica sobre a visão holística que o homem tem tido da religião atualmente, descreve-se este, fraseando-se na bibliografia pertinente sobre o assunto, no intuito de salientar a importância do homem ter uma religião que não o sufoque nas vãs culturas, mas que o leve ao plano de Deus para com a sua vida.

A abordagem deste estudo trata da religião, da visão holística do homem e da fenomenologia no Ensino Fundamental. A religião é uma condição humana, natural, que não pode ser suprimida por tais forças, mas apenas aproveitada e dirigida para outro tipo de

ideocracia. Isso acontece, por exemplo, quando se faz igreja de uma doutrina política. Com menos ou mais conhecimentos, o homem raciocina para aceitar ou refutar o ideal religioso<sup>2</sup>.

Por sua vez, a Fenomenologia procura enfocar o fenômeno, entendido como o que se manifesta em seus modos de aparecer, olhando-o em sua totalidade, de maneira direta, sem a intervenção de conceitos prévios que o definam e sem basear-se em um quadro teórico prévio que enquadre as explicações sobre o visto<sup>3</sup>.

Martins<sup>4</sup> ainda afirma que se apresenta a Fenomenologia, como uma postura mantida por aquele que interroga. O inquiridor fenomenólogo dirige-se para o fenômeno da experiência, para o dado, e procura vê-lo da forma que ele se mostra na própria experiência em que é percebido. Isso quer dizer que há um mundo ao redor do fenomenal, que surge e que se doa ao pesquisador que intenciona o fenômeno.

Diante deste contexto apresentado, definiu-se como objetivo geral analisar a religião baseada na visão holística do homem e sua relação com a fenomenologia no Ensino Fundamental, como forma de minimizar o problema de violência no cotidiano escolar.

Entre os objetivos específicos destacam-se: analisar a fenomenologia no cotidiano escolar; identificar a importância da visão holística do homem como meio de suporte religioso no contexto educacional.

A justificativa do estudo está no fato de mostrar o componente curricular de Ensino Religioso entrar como possibilidade de redução da violência no ambiente escolar para que o exercício do diálogo inter-religioso e do acatamento da diversidade possa ter início o mais cedo possível na sociedade.

Este estudo é importante para mostrar ser de interesse de estudantes de Teologia e Ciências das Religiões, e professores do ensino fundamental e médio que trabalham com Ensino Religioso. Este estudo será possível, pois disponibilizo de recurso bibliográfico de várias fontes, tenho tempo e competência para a elaboração das ideias sugeridas pelos diversos autores.

A justificativa do presente trabalho está no fato de poder demonstrar que ele é pertinente aos interessados em diferentes culturas, credos, mitos e religiões. Estará disponível a todos. E esta pesquisa visa promover a reflexão sobre os atos considerados

---

<sup>2</sup> ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada; ensaios de cultura popular e religião*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>3</sup> MARTINS, J. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>4</sup> IBID, 2006.

violentos no cotidiano escolar e o desenvolvimento de uma cultura de tolerância, de respeito e paz (objetivo mais amplo), por meio do Ensino Religioso, ou melhor, do ensino da religião, do ensino do religioso, do fenômeno religioso, da experiência religiosa, através da fenomenologia da religião.

Utilizou-se com metodologia a pesquisa bibliográfica, através de uma revisão de literatura. Assim, será visto que implantações do ensino religioso na primeira escola estudado e a continuidade da disciplina na segunda, resumem-se a visão de alguns professores que a disciplina poderia atuar com um recurso para enfrentar os problemas de violência indisciplinar e conflitos no ambiente escolar, sendo em parte uma solução emergencial para o clima de desagregação dos princípios de solidariedade e convivência social.

## **1 Referencial teórico**

### **1.1 A religião e o homem**

A religião, ao contrário do que possa parecer, não é algo fácil de se definir. Muitos são os aspectos que envolvem tal caracterização. Durante séculos, os animais conseguiram sobreviver por medo da adaptação física. Todas suas características tais como: garras, habilidade de confundir-se com o terreno são manifestações de corpos maravilhosamente adaptados à natureza ao seu redor<sup>5</sup>.

O animal faz com que a natureza adapte ao seu corpo: os formigueiros, colméias de abelhas, as casas de joão-de-barro. O seu aprendizado é realizado de forma silenciosa. Os instintos dos animais são fechados e assim o são principalmente porque tudo que realizam é com o único propósito: sobreviver. O animal é o seu corpo, sua programação biológica é complexa, fechada e perfeita, não há problemas não respondidos, não há história como a entendemos.

Ao contrário do animal, o homem é um ser aberto. Do ponto de vista genético o recém-nascido está determinado. O fato é que o homem é um construtor, idealizador, um ser pensante e artista: chorar, rir, plantar, esculpir, pintar, compor sinfonias e escrever. Essa é a grande diferença do homem para o animal. Não somos apenas seres que desejam. Além do desejo somos formados pela nossa cultura. A atividade humana não pode ser compreendida apenas como uma luta pela

---

<sup>5</sup> ORO, Ari Pedro. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

sobrevivência. A cultura edifica o homem, ela é a identidade de um povo<sup>6</sup>.

Existem circunstâncias em que somos impotentes. Surge aí o amor, o desejo e a imaginação, as mãos e os símbolos. Isto acontece para criar um mundo que faça sentido e que tenha ordem, que exista harmonia com os valores do homem. Problema é desordem e harmonia. Caso contrário, não ocorrerá realização. Essa busca gera angústia, frustração, rejeição, crueldade, solidão, injustiça, etc. Se o desejo não se realiza, resta cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, escrever-lhe poemas, compor sinfonias. Os símbolos surgem como forma de expressão de uma determinada cultura, eles atingem onde nem sempre as palavras conseguem fazê-lo.

A religião faz parte desse conjunto de símbolos que busca a pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza, retratam de forma visível o invisível: altar, plantas, pão, vinho, templo e imagens. Pedra é pedra, porém no mundo religioso é altar, no sagrado o vinho simboliza o sacrifício, a oferta maior. Para alguns autores a religião não é apenas o espaço de uma realização metafísica, é uma das formas de se expressar conflitos existenciais bem como explicá-los, assim como a ciência. A religião, seja ela qual for, ocupa um papel importante no contexto social<sup>7</sup>.

A religião liberada do controle institucional e devolvida à gestão da livre iniciativa individual transforma-se em nova fonte de imaginação simbólica e ganha uma nova visibilidade, sem pudores e ocultações: posso sentir-me um fervoroso católico frequentando um grupo pentecostal marginal, no fundo da Igreja Católica oficial, aproximar-se da ioga e descobrir a mensagem do asceta Sai Baba, peregrinar até a Índia para aproximar-me dele e na volta fundar um círculo de seguidores do guru indiano para frequentá-lo nos domingos à tarde, depois de ter ido à missa pela manhã e ter invocado os carismas do Espírito no Sábado anterior pela tarde. Neste círculo místico que eu estabeleço entre diversas 'províncias de significado religioso', de áreas culturais diferentes, a síntese visível é feita pelo indivíduo e pelo grupo do qual se sente parte.

---

<sup>6</sup> ALVES, Rubem. *O que é Religião*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 76.

<sup>7</sup> CALLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Ed. 70, 2008, p. 42.

A religião ajuda-o ainda a imaginar unido o que na realidade está dividido, diferenciado, às vezes em conflito. E isso torna-se tanto mais relevante, sociologicamente falando, quanto mais se colocam em circulação no círculo místico, justamente não só pedaços de tradição religiosa diferentes, mas uma espécie de nova síntese, na medida das exigências da ação social de sujeitos ou de grupos de sujeitos, uma world-religion, visível e que se pode consumir sem ter que prestar contas às instituições tradicionais de tipo religioso. Tudo isto está, em parte, presente no fenômeno do New Age<sup>8</sup>.

## **1.2 Religião e a visão holística do homem**

O objetivo destas palavras é demonstrar que o fator religioso é um dos componentes essenciais da personalidade humana. A dimensão religiosa, apesar de ter sido marginalizada nesta era cibernética, é e sempre será, a bússola indispensável a orientar o homem no descobrimento do seu verdadeiro sentido existencial<sup>9</sup>.

Pela história, constatamos que a omissão desta realidade, deriva inevitavelmente para outros substitutivos, ainda que nocivos e caducos, como a busca paroxística das drogas (toxicomania), dos ansiolíticos (psicotrópicos), do alcoolismo, do tabagismo, do pansexualismo, do poderio sócio-econômico, etc., chegando mesmo ao suicídio e à agressividade com assaltos, seqüestros, roubos etc. Por isto, para remediar a herança vazia, angustiante e desesperadora, da sociedade de produção e consumo, é indispensável acrescentar como peça fundamental a prática da religião<sup>10</sup>.

O que, porém, não se dá sem uma definição histórica, objetiva e nominal da religião em si. Convém salientar, neste lugar, a importante diferença que distingue a definição preliminar de religião da determinação do fato social religioso, que é um dos objetos principais da sociologia. Até aqueles sociólogos que não querem discutir a tese, segundo a qual a sociedade seria o valor supremo ou a fonte primária dos valores, sustentam que é na vida e pela vida em sociedade que os valores humanos se determinam. "A sociedade não é a fonte dos valores; é a fonte da emergência dos

---

<sup>8</sup> ALVES, Rubem. *O que é Religião*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>9</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2007.

<sup>10</sup> IBID, 2007

valores e da sua chegada à consciência<sup>11</sup>.

Etimologicamente, a palavra religião, segundo Cícero, vem da nova relação do homem para com Deus pelo vínculo da piedade, acrescentada à relação da dependência física de todo o seu ser. Num sentido geral, a religião significa a relação moral que une o homem a Deus, através da inteligência e vontade que, por sua vez, se baseiam na relação física e ontológica, pela qual toda a criatura depende inteiramente do criador.

Nesse sentido segundo Montoya:

A religião abrange o conjunto das verdades e dos deveres que resultam da nossa dependência de Deus e que constituem a ordenação de toda a nossa vida para ele. No sentido estrito, a religião é uma virtude especial que tem por objetivo o conjunto de deveres que se referem diretamente ao culto devido a Deus. Assim, o homem todo (inteligência, vontade e sensibilidade) se acha ordenado para Deus. Como criatura racional, dotado de inteligência e vontade, o homem para não quebrar a ordem do universo, que exige inter-relação de criatura-criador, de filho-pai e servo-dono, deve reconhecer intelectualmente as relações morais que ligam a Deus, como criador e, consequentemente, através da sua vontade, ordenar toda a sua atividade livre de tal forma prestar a Deus o culto que lhe é devido<sup>12</sup>.

O homem como ser inteligente, livre e ao mesmo tempo limitado, deve reconhecer a sua dependência de um criador e benfeitor. Ora, a religião não é outra coisa que a conscientização e a prática desta dependência e sujeição através das normas morais, presentes no homem. Portanto, para o homem, a religião é tão indispensável quanto indispensável é a sua dependência de Deus. Além de um dever, a religião é uma necessidade para o homem.

Ora, o fenômeno religioso objetivamente encarado e definido, é um fato social com todas as suas características distintivas, acima analisadas e explicadas com a diferença que, enquanto os

---

<sup>11</sup> CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo, Studio Nobel, 2006, p. 123.

<sup>12</sup> MONTOYA, Pedro Córdoba. *Religiosidade Popular: Arqueologia de uma Nação Polêmica*. São Paulo: Álvares, 2009, p. 103.

demais fenômenos sociais giram em torno de realidades e valores que não ultrapassam as relações da vida humana terrena, a religião por sua vez, estabelece relação com uma potência sobre humana e por isso, na sua última explicação, além da consideração de seus elementos psíquicos, religião subjetiva, ou seja, a religiosidade dos grandes gênios religiosos (fundadores e santos) e de cada fiel religioso, não pode excluir a hipótese de uma intervenção direta dessa mesma potência sobre humana, da qual vem testemunhando a religião revelada. Porém, a preocupação principal da sociologia religiosa não é de dar a última explicação do fenômeno religioso, mas sim, estudá-lo como um fato na sua natureza especificamente social, na sua vida própria resultante de pluralidade de relações, independente, exterior e superior às consciências individuais, exercendo sobre elas coerção social tanto difusa como organizada<sup>13</sup>.

Somente a religião pode conduzir o homem ao seu destino eterno, indicando o verdadeiro sentido da vida e satisfazendo o que há de verdadeiro, belo e de bom nas tendências do indivíduo, da família e da sociedade. De tudo o que foi dito, pode-se concluir que o valor religioso é parte integrante do homem. Deus é essencial para a explicação de sua vida e da sua finalidade. Ele é a resposta ao espírito humano que persiste em seus porquês, até que não se tenha a realidade última, razão e explicação de toda a outra realidade. Ainda segundo Canclini:

Na relatividade do tempo e da história, o itinerário para o Absoluto, tanto do indivíduo como da humanidade, é a expressão vida, a explicação única da mais autêntica realidade do homem como ser espiritual. Portanto, a religião é a coisa mais importante e primordial para todo o homem, porque é só através dela que o homem se relaciona e chega ao seu último fim, que é DEUS. O resto não passa de vaidade e fugacidade<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> ORTIZ, Renato. *A Consciência Fragmentada*. Ensaios de Cultura Popular e Religião. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 92.

<sup>14</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 104.

Para o sociólogo Canclini<sup>15</sup>, não interessa responder à indagação se a religião é ou não verdadeira; ele se preocupa em analisá-la como fenômeno social, que pode ser encontrado em todas as sociedades, a despeito de ser, entre todas as instituições existentes nas sociedades humanas, a única que não se baseia apenas em necessidade física do homem.

Assim o sobrenatural como qualquer coisa em cuja existência se acredita, baseando-se em provas não fundamentadas pela ciência. Assim, as entidades sobrenaturais são empíricas e a ciência não pode demonstrar que realmente existem ou não: as idéias religiosas não são científicas. O sobrenatural divide-se em *seres* (deuses, anjos, demônios, duendes, fadas), *lugares* (céu, inferno, limbo, purgatório, éden), *forças* (Espírito Santo, *carma* - lei hindu de causa e efeito, *mana* - poder mágico em que acreditam os melanésios), e *entidades* (almas).

Durkheim<sup>16</sup>, em sua obra, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, definiu a religião como "um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, a coisas colocadas à parte e proibidas - crenças e práticas que unem numa comunidade mortal única, todos os que as adotam".

Ainda vale ressaltar que para que a religião traga paz e encontro do homem com Deus, esta deve seguir rigorosamente os ensinamentos da bíblia, esta por sua vez é um conjunto de 73 livros escritos por inspiração divina, pelos quais Deus Se revela a Si mesmo e nos dá a conhecer o mistério da Sua vontade. Ela é dividida em duas grandes partes: o *Antigo Testamento*, que contém a história, as leis, as condições da *Antiga Aliança* entre Deus e os homens, antes da vinda de Jesus Cristo; o *Novo Testamento* contém a revelação feita por Jesus Cristo das leis da *Nova Aliança* entre Deus e os homens e transmitida pelos Evangelhos e autores sagrados.

Para o cristianismo, a religião foi criada para o povo de Cristo e seus seguidores. A palavra *Chistos* é a tradução grega do nome hebraico *Messias*, que significa *consagrado pela unção*. O Cristianismo é uma religião *monoteísta* (assim como o Judaísmo e o Islamismo) que coloca em primeiro plano a comunhão com Deus, o Pai, por intermédio de seu filho *Jesus Cristo*, Salvador da Humanidade. A palavra Jesus vem do hebraico *Ioshua*, que quer dizer *salvador*. O Cristianismo afirma, primeiramente, a existência de um *Deus único, Pai todo poderoso, Criador do céu e da terra*. Ao lado de Deus, a fé cristã coloca seu filho Jesus. Ao lado do Pai e do

---

<sup>15</sup> IBID, 2007.

<sup>16</sup> DURKHEIM, Emile. *As Formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

Filho, existe o *Espírito Santo*<sup>17</sup>.

O Pai não é nem criado, nem gerado. O filho é gerado por Deus. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas em uma só, coeternas, idênticas entre elas. É a *Trindade*. O *Deus é um só, mas distinto em três pessoas*, conhecidas pela maneira com que operam: *o Pai como Criador, o Filho como Salvador, o Espírito Santo como santificador*. No Cristianismo, a grande singularidade é que *Deus se fez homem*. Viveu entre os homens, neste mesmo mundo, morreu, porém ressuscitou. Veio como o Deus descido do Céu para salvar o mundo. Ele entanto não era o Salvador esperado pelos judeus. Estes, na sua grande maioria ansiavam por um *salvador* da nação, a libertação de Israel, escapando ao domínio romano. Esse *messias* aguardado pelo povo de Israel era em sentido político e não religioso. *Jesus Cristo*, Filho de Deus, segundo os Evangelhos, nasceu em *Belém*, na *Judéia*, no ano de Roma 749 e morreu no ano de 30, da Era Cristã<sup>18</sup>.

O mundo antigo, pela voz dos seus pensadores e dos seus poetas, desejava e esperava uma *idade nova*. Os judeus, em particular, instruídos pelos seus livros sagrados, sabiam, como já se disse, que o *Messias prometido* a seus pais e já *descrito pelos profetas*, ia em breve chegar e salvar o mundo. À hora precisa que os profetas tinham marcado, isto é, *quando o cetro tinha saído de Judá*, no último dos Herodes, rei dos judeus, graças à proteção romana, na segunda metade do reinado de Augusto (ano de 749 de Roma), Jesus nasceu em Belém, da *Virgem Maria*, descendente da casa real de Davi. A justiça judaica condenou-o por falso testemunho; a justiça romana, convicta da Sua inocência, não ousou defendê-lo.

Enfim, o que tende a demonstrar, é que o homem em busca de uma religião que o satisfaça, tem buscado caminho que o desvinculam do plano de Deus, que é a salvação eterna, este por sua vez, foi traçado para o homem desde a sua criação e cabe ao homem buscá-lo incessantemente.

### **1.3 Fenomenologia, religião e educação**

---

<sup>17</sup> PACE, Enzo. *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>18</sup> IBID, 1997, P. 109.

A discussão que há tempos se iniciou nas ciências econômicas e sociais, sobre a pertinência da noção de globalização, para interpretar os processos que têm lugar no mundo contemporâneo, terminou por atingir o objeto do saber sociológico e antropológico. Se falamos de globalização da sociedade, afirma Archer, apud Pace, isto significa, em suma, que as sociedades já não constituem a unidade de análise primária da pesquisa sociológica<sup>19</sup>. Se o mundo converte-se no macro sistema, que tem que ser levado em consideração em primeiro lugar e só a partir dele, pode-se estudar os vários subsistemas dos quais se compõem cada sociedade parcial e interdependente.

A lógica requer que também os paradigmas teóricos devem sofrer uma profunda revisão: já não se pode falar só de sociedades no plural, aprendendo, portanto, suas diversidades, mas deve-se evocar com ênfase, de agora em diante, o sistema social global ou planetário, no qual se desenvolvem relações de interpenetração (além das interdependências) entre diferentes âmbitos ou esferas da vida econômica, cultural, política e comunicativa (seja nas formas tradicionais e passivas da comunicação de massa, seja nas novas redes informáticas de intercâmbio, de informações ao alcance direto da livre e ativa iniciativa dos indivíduos)<sup>20</sup>.

Nessa perspectiva há alguma mudança também para quem se interessa por um objeto particular como a religião. Ao menos por três boas razões. Se assumimos, de fato, ou consideramos positivamente a opção teórica e empírica implícita na teoria da globalização, devemos estar conscientes de que nos encaminhamos por uma linha de pesquisa que apresenta, precisamente, três articulações teóricas de grande relevo para as ciências sociais da religião<sup>21</sup>.

Pode-se destacar então que:

- a) A necessidade de revisar criticamente a noção de sincretismo como um instrumento analítico útil para medir, por um lado, o processo de queda do nível de desconfiança ou hostilidade recíprocas entre religiões diversas e, por outro, a criação de

---

<sup>19</sup> PACE, Enzo. *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>20</sup> IBID, 1997, p. 39.

<sup>21</sup> IBID, 1997.

'interstícios' entre as grandes religiões históricas, onde se produzem fenômenos evidentes de mestiçagem entre universos simbólicos e práticas rituais provenientes de diferentes contextos religiosos.

b) A necessidade de levar em consideração cada vez mais seriamente, a perspectiva comparativa que na sociologia das religiões tem sido utilizada, até o momento muito timidamente, para poder compreender melhor os efeitos do desaparecimento de fronteiras simbólicas rígidas, entre diferentes campos religiosos, entre religioso e campo mágico e esotérico, entre religião e novas crenças seculares ou para-religiosas<sup>22</sup>.

c) A necessidade de deslocar a atenção da análise da função de cada religião - na sua especificidade e com referência à diversidade das sociedades e dos territórios onde estas têm prosperado - para o modo como constituem sistemas de comunicação que permitem aos indivíduos reduzir a complexidade em que vivem aqui e agora e ao mesmo tempo imaginar 'o mundo' unificado por problemas comuns que interessam a toda a espécie humana, em suma, sistemas simbólicos capazes de pôr em relação à realidade local com a perspectiva global.

O que se observa é que a religião liberada do controle institucional e devolvida à gestão da livre iniciativa individual, transforma-se em nova fonte de imaginação simbólica e ganha uma nova visibilidade, sem pudores e ocultações: posso sentir-me um fervoroso católico frequentando um grupo pentecostal marginal, no fundo da Igreja Católica oficial, aproximar-se da ioga e descobrir a mensagem do asceta Sai Baba, peregrinar até a Índia para aproximar-me dele e na volta fundar um círculo de seguidores do guru indiano para frequentá-lo nos domingos à tarde, depois de ter ido à missa pela manhã e ter invocado os carismas no sábado anterior pela tarde.

Neste círculo místico que eu estabeleço entre diversas 'províncias de significado religioso', de áreas culturais diferentes, a síntese visível é feita pelo indivíduo e pelo grupo do qual se sente parte.

Em se tratando da questão da Educação, no dia 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a LDB 9.394/96, denominada

---

<sup>22</sup> IID, 1997, p. 40.

também de "Lei Darcy Ribeiro". Esta lei inseriu o Ensino Religioso no contexto global da educação, preconizando o respeito à diversidade cultural-religiosa do Brasil. Porém, manteve-se o Ensino Religioso como disciplina que não se reverteria em ônus para o Estado, fato este que provocou protestos e mudanças posteriores<sup>23</sup>:

Art. 33 Ç 3º O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de educação básica, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter [...] (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional - Lei 9.394/96<sup>24</sup>).

Finalmente, no dia 22 de julho de 1997, foi promulgada a Lei 9.475 que alterou o artigo 33 da LDB 9394/96 retirando o termo "sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos" e dando outros dispositivos:

Art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Educação Básica, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. § 1 - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. § 2º. - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso (REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL Lei 9.475 [22 de julho de 1997, que da nova redação ao art. 3º da Lei (9.394/96) de Diretrizes e Bases da Educação Nacional]<sup>25</sup>).

Com a Lei 9475/97, o Ensino Religioso no Brasil passa a ter as seguintes características<sup>26</sup>:

---

<sup>23</sup> JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso; aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>24</sup> IBID, 2007, p. 37.

<sup>25</sup> IBID, 2007, p. 45.

<sup>26</sup> CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino*

A disciplina é considerada como parte integrante da formação do cidadão;

A não permanência do Ensino Religioso confessional e interconfessional nas escolas públicas;

A disciplina deve ser oferecida e ministrada nos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental;

Deve ser assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil;

São vedadas quaisquer formas de proselitismo;

Cabe aos sistemas regionais a regulamentação dos procedimentos para a definição dos conteúdos e das normas para habilitação e admissão dos professores.

A partir da Lei 9475/97, o Conselho Nacional de Educação, por meio da resolução 02/98, estabelece que a disciplina deve ser integrada no conceito, demarca o conhecimento, definindo-se norteadores e estruturas de leitura e interpretação, essencial para garantir a possibilidade de participação autônoma do cidadão na construção de seus referenciais religiosos<sup>27</sup>.

As várias propostas para a normalização do Ensino Religioso ainda fazem-se presentes nas salas de aula de nosso país. As perspectivas confessionais, interconfessionais e as pautadas no cientificismo, encontram espaço nos sistemas educacionais, caracterizando modelos de Ensino Religioso, refletindo assim ao mesmo tempo, heranças do período confessional e as novas propostas de respeito a pluralidade cultural e religiosa do Brasil<sup>28</sup>.

De acordo com João Décio Passos<sup>29</sup>, os modelos catequético, teológico e das ciências da religião - apresentam-se como práticas concretas e referenciais para se discutir a fundamentação epistemológica das propensões do Ensino Religioso no Brasil. Sua

---

*Religioso: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi*. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Lílian Blanck de [et ai.]. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

<sup>28</sup> CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino Religioso: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi*. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

<sup>29</sup> PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. 1 ed. São Paulo: Paulinas. 2007.

análise tem como parâmetro os fundamentos teóricos e Metodológicos de onde decorrem conteúdo, posturas políticas e didáticas, na relação professor-aluno e no ensino-aprendizagem.

O conhecimento da religião faz parte da educação geral e contribui com a formação completa do cidadão, devendo, assim, estar sob responsabilidade dos sistemas de ensino e submetida às mesmas exigências das demais áreas do saber, que compõem os currículos escolares. As Ciências da Religião podem oferecer base teórica e metodológica para a abordagem da dimensão religiosa em seus diversos aspectos e manifestações, articulando-a de forma integrada com a discussão sobre a educação<sup>30</sup>.

O autor atesta que o modelo das ciências da religião - na tarefa política de retirar o Ensino Religioso do campo de negociação das confissões religiosas e do Estado - terá muitas dificuldades em romper com as estruturas confessionais e interconfessionais ainda hoje remanescentes.

Podemos dizer que os três modelos têm sua concretização numa certa seqüência cronológica. O modelo catequético é o mais antigo; está relacionado, sobretudo, a contextos em que a religião gozava de hegemonia na sociedade, embora ainda sobreviva em muitas práticas atuais que continuam apostando nessa hegemonia, utilizando-se, por sua vez, de métodos modernos. Ele é seguido do modelo teológico que se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada e sobre bases antropológicas. O último modelo, ainda em construção, situa-se no âmbito das Ciências da Religião e fornece referências teóricas e metodológicas para o estudo e o ensino da religião como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares<sup>31</sup>.

O modelo catequético é preconizado entre as Igrejas cristãs (Católica e Protestantes) e tem como prática escolar a catequese dos alunos voltada para a formação das ideias corretas e verdadeiras, em oposição às ideias falsas. Esse modelo busca remeter a tempos de

---

<sup>30</sup> IBID, 2007, p. 65.

<sup>31</sup> PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. 1 ed. São Paulo: Paulinas. 2007, p. 54.

outrora, das confissões religiosas na sociedade moderna<sup>32</sup>.

A ação pedagógica deste modelo está pautada sobre fundamentos antropológicos e teológicos, no entanto, Décio Passos considera que se a responsabilidade dos conteúdos ainda recai sobre as confissões religiosas, este modelo pode fatalmente reproduzir - de forma velada - o modelo catequético nas escolas<sup>33</sup>.

Segundo Passos<sup>34</sup> “Mesmo embasado nessa antropologia e na convicção do respeito às diversidades, o risco desse modelo afigura ser o de uma catequização disfarçada não tanto pelos seus conteúdos mais pela responsabilidade ainda delegada às confissões religiosas”.

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é uma das entidades civis que entende que a formação religiosa deve ser efetivada não só nas comunidades, mas também nas escolas, respeitando as confissões dos alunos. Portanto, o Ensino Religioso deve ser ofertado pelo Estado como forma de assegurar a formação de valores ao cidadão:

Toda a ação educativa se situa num contexto filosófico e de valores [...]. Toda proposta de educação é também uma proposta de valores, de um tipo de homem e de um tipo de sociedade [...] um processo de humanização, expressão de um projeto utópico, o homem novo e a nova sociedade, que impulsiona para a transformação do mundo de opressão<sup>35</sup>.

Por fim, é bom frisar que em nome de uma autonomia epistemológica e pedagógica - no intuito de romper com os dois modelos anteriores - o modelo das ciências da religião advém das perspectivas da comunidade científica, dos sistemas de ensino e da própria escola. Neste modelo, o ensino da religião não é encarado como uma atividade cientificamente neutra, mas, deve ser interpretado como área de conhecimento, sendo assim, caracterizado na intencionalidade educativa.

### **Considerações finais**

Finalizado o estudo, percebeu-se que a importância da ordem religiosa para as demais ordens, depende dos princípios estruturais da religião em questão e, particularmente, da natureza compulsória

---

<sup>32</sup> IBID, 2007.

<sup>33</sup> IBID, 2007.

<sup>34</sup> IBID, 2007, p. 64.

<sup>35</sup> IBID, 2007, p. 62

ou voluntária da mesma. A sociedade democrática norte-americana, por exemplo, com suas inúmeras organizações voluntárias, é em grande parte, originária do Puritanismo e da multiplicidade de seitas.

Constatou-se que a Fenomenologia é destinada a distinguir a verdade da aparência. Ela é “a teoria da aparência”, o fundamento de todo saber empírico. Entretanto, a fenomenologia mostrou-se um caminho metodológico fecundo na medida em que possibilitou o desenvolvimento de novas abordagens epistemológicas.

Sem o conhecimento empírico produzido pelos fenomenólogos do século XIX-XX não teríamos condições hoje de formular uma ciência das religiões, entretanto, pode-se questionar a validade de alguns conceitos teóricos deduzidos da pesquisa fenomenológica.

As conclusões mostram ainda que na escola, apesar da diversidade de propostas no campo da Fenomenologia da Religião, alguns pontos teóricos se tornaram certo senso comum fenomenológico: a religiosidade é concebida como uma dimensão antropológica constitutiva, sem a qual, o ser humano é menos do que humano; ela se distingue da religião e da espiritualidade; o sagrado – distinguindo-se do profano – ocupa o lugar central do olhar fenomenológico, como elemento ôntico constitutivo.

Por fim, as conclusões mostraram que a existência de um Deus é uma necessidade ao ser humano, que vê na crença religiosa uma fuga à sua própria imperfeição; uma tentativa de explicar suas limitações quanto ao conhecimento e ao controle da natureza e dos fenômenos naturais. ‘Há um ser perfeito, mas não sou eu!’. Aos poucos, essas explicações foram adquirindo mais e mais características peculiares e difusas, gerando ramificações e dicotomias que resultaram em instituições fortes e dogmáticas, cujo poder chegou a dominar nações inteiras durante séculos.

## Referências

ALVES, Rubem. *O que é Religião*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CALLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Ed. 70, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2007.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo, Studio Nobel, 2006.

CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino Religioso: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi*. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

DURKHEIM, Emile. *As Formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso; aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, J. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Centauro, 2006.

MONTOYA, Pedro Córdoba. *Religiosidade Popular: Arqueologia de uma Nação Polêmica*. São Paulo: Álvares, 2009.

OLIVEIRA, Lílian Blanck de [et ai.]. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ORO, Ari Pedro. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. 1 ed. São Paulo: Paulinas. 2007.

PACE, Enzo. *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.